



Trilha Interpretativa no Parque  
Nacional da Serra do Cipó  
MINAS GERAIS - BRASIL

# VELLOZIAS

SANTUÁRIO DAS

Trilha Interpretativa no Parque  
Nacional da Serra do Cipó  
MINAS GERAIS - BRASIL

SANTUÁRIO DAS

VELLOZIAS



A elaboração e impressão da Cartilha Santuário das Vellozias: Trilha Interpretativa no Parque Nacional da Serra do Cipó, integra as ações do Plano de Ação Territorial (PAT) do Espinhaço Mineiro e foram financiadas com recursos do Global Environment Facility (GEF) por meio do Projeto 029840 – Estratégia Nacional para a Conservação de Espécies Ameaçadas – Pró-Espécies: Todos contra a extinção.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Goulart, Fernando Figueiredo Santuário das Vellozias [livro eletrônico] : trilha interpretativa no Parque Nacional da Serra do Cipó, Minas Gerais-Brasil / [textos] Fernando Figueiredo Goulart ; organização Luiza Kot e Fernando Figueiredo Goulart. -- Brasília, DF : Instituto Chico Mendes - ICMBio, 2024. PDF

ISBN 978-65-5693-091-6

1. Educação em ciências 2. Educação ambiental 3. Meio ambiente - Conservação e Proteção 4. Parque Nacional da Serra do Cipó (MG) I. Kot, Luiza. II. Título.

24-212806

CDD-304.2

Índices para catálogo sistemático: 1. Educação ambiental 304.2  
Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

**Presidente:** Luiz Inácio Lula da Silva

**Ministra do Meio Ambiente e Mudança do Clima:**  
Marina Silva

**Departamento de Áreas protegidas MMA:**  
Pedro da Cunha e Menezes

**Presidente Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade:** Mauro Oliveira Pires

**Diretoria De Criação E Manejo De Unidades De Conservação:**  
Iara Vasco Ferreira

**Coordenação Geral de Uso Público e Serviços Ambientais:**  
Carla Cristina de Castro Guaitanele

**Coordenação Geral De Gestão Sócioambiental:**  
Luiz Francisco Ditzel Faraco

**Núcleo de Gestão Integrado ICMBio Cipó-Pedreira - Parque Nacional da Serra do Cipó e APA Morro da Pedreira**  
Romina Belloni da Silva

**Apoio Técnico:** Mariana Gutierrez de Menezes - WWF Brasil

**Organizadores:** Luiza Kot e Fernando Figueiredo Goulart

**Texto:** Fernando Figueiredo Goulart

**Projeto gráfico e diagramação:** Luiza Kot

**Fotografia:** Luiza Kot

**Fotografia adicional:** Eduardo Franco, Felipe Leite, Fernando Figueiredo Goulart e Wagner Nogueira

**Mapas:** Fernando Goulart

**Revisão:** Alexsander Araújo Azevedo e Raira Saloméa

**Identificações Zoológicas:** Antônio Cruz, Antônio Meira Linares, Eduardo Franco e Henrique Paprocki e Izabela Menezes Barata

**Identificações Botânicas:** Renato Ramos da Silva, Carlos Alberto Ferreira Júnior, Danilo Alvarenga Zavatin, Júlio Santiago, Paulo Gonela, Pedro Lage Viana e Vinícius Resende Bueno



<b>9</b>	Apresentação
<b>13</b>	Geografia
<b>19</b>	História
<b>23</b>	Biodiversidade
<b>31</b>	Trilha
<b>49</b>	Experiências
<b>51</b>	Observe
<b>57</b>	Dicas



Orquídea  
*Cattleya wittigiana*

A Canela-de-ema-gigante ou *Vellozia gigantea* é uma espécie símbolo da conservação dos campos rupestres da Cordilheira do Espinhaço, sendo que sua proteção foi um dos motivos da criação do Parque Nacional da Serra do Cipó. Essa é uma planta rara, ameaçada de extinção que só ocorre em alguns topos de serras, como no **Santuário da Vellozias**, dentro desse parque.

A trilha que leva ao **Santuário das Vellozias** foi criada de forma participativa com a comunidade local, pesquisadores, gestores, condutores turísticos, brigadistas e artistas, garantindo a conservação das espécies e ecossistemas, gerando renda e valorizando a cultura das comunidades que habitam a região.

Esta cartilha foi desenvolvida para dar suporte à visitação dessa trilha, trazendo informaçoes e convidando os visitantes para desfrutarem de uma experiência sensorial e de conhecimento.



Canela-de-ema-gigante  
*Vellozia gigantea*



Cravo-do-mato  
*Tillandsia geminiflora*

A Cordilheira do Espinhaço é o maior conjunto de serras do Brasil, se estendendo do Quadrilátero Ferrífero, em Minas Gerais, até a Chapada Diamantina, na Bahia. Essa é a única cordilheira do Brasil, e existe há cerca de um bilhão de anos, sendo mais antiga do que outras do continente, como os Andes.

Devido ao longo tempo de exposição à chuva, sol e vento, os solos são rasos e têm baixa concentração de nutrientes. O ecossistema que se desenvolveu sob essas condições extremas é conhecido como campo rupestre. Ele é caracterizado por um mosaico de áreas campestres, afloramentos rochosos, formações savânicas e florestas. Nessa região, o Espinhaço divide dois biomas: para oeste, o Cerrado, na vertente da bacia do Rio das Velhas; para leste, a Mata Atlântica, na vertente da bacia do Rio Doce.

### Hotsposts de Biodiversidade

O Cerrado e a Mata Atlântica estão listados entre as 25 regiões no mundo com maior nível de biodiversidade e sujeitos à alto grau de ameaça, denominados *hotsspots* de conservação.

O Cerrado é a maior savana do mundo, com alta diversidade de plantas e animais, abrigo para mais de 6 mil espécies de árvores e 800 espécies de aves. Suas árvores tortas indicam o alto grau de acidez dos seus solos. A Mata Atlântica é dominada por florestas tropicais úmidas e abriga mais de 20.000 espécies de plantas. Mais da metade das espécies de aves e 92% das espécies de anfíbios são endêmicas, ou seja, exclusivas da Mata Atlântica. Esses dois biomas estão entre os mais ricos em espécies e mais ameaçados do mundo. Além disso, a Cordilheira do Espinhaço possui o título de Reserva Mundial da Biosfera pela UNESCO, por sua grande importância para a conservação da biodiversidade. A Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço foi reconhecida em 2005 e compreende 172 municípios e mais de 10 milhões de hectares ao longo da cordilheira.

Uma das formas de preservar a biodiversidade e os ecossistemas é a criação de Unidades de Conservação (UC). As UC são territórios destinados à conservação da fauna e flora, alguns com a possibilidade de uso sustentável dos recursos naturais. O Parque Nacional da Serra do Cipó foi criado em 1984 para conservar 34 mil hectares de ambiente de cerrado, matas e campos rupestres, além de inúmeras nascentes e

grandes rios. Após a criação do parque, outras reservas também foram estabelecidas, formando uma rede de unidades de conservação denominada Mosaico de Áreas Protegidas da Serra do Cipó, que inclui 18 Unidades de Conservação e 2,7 milhões de hectares preservados.

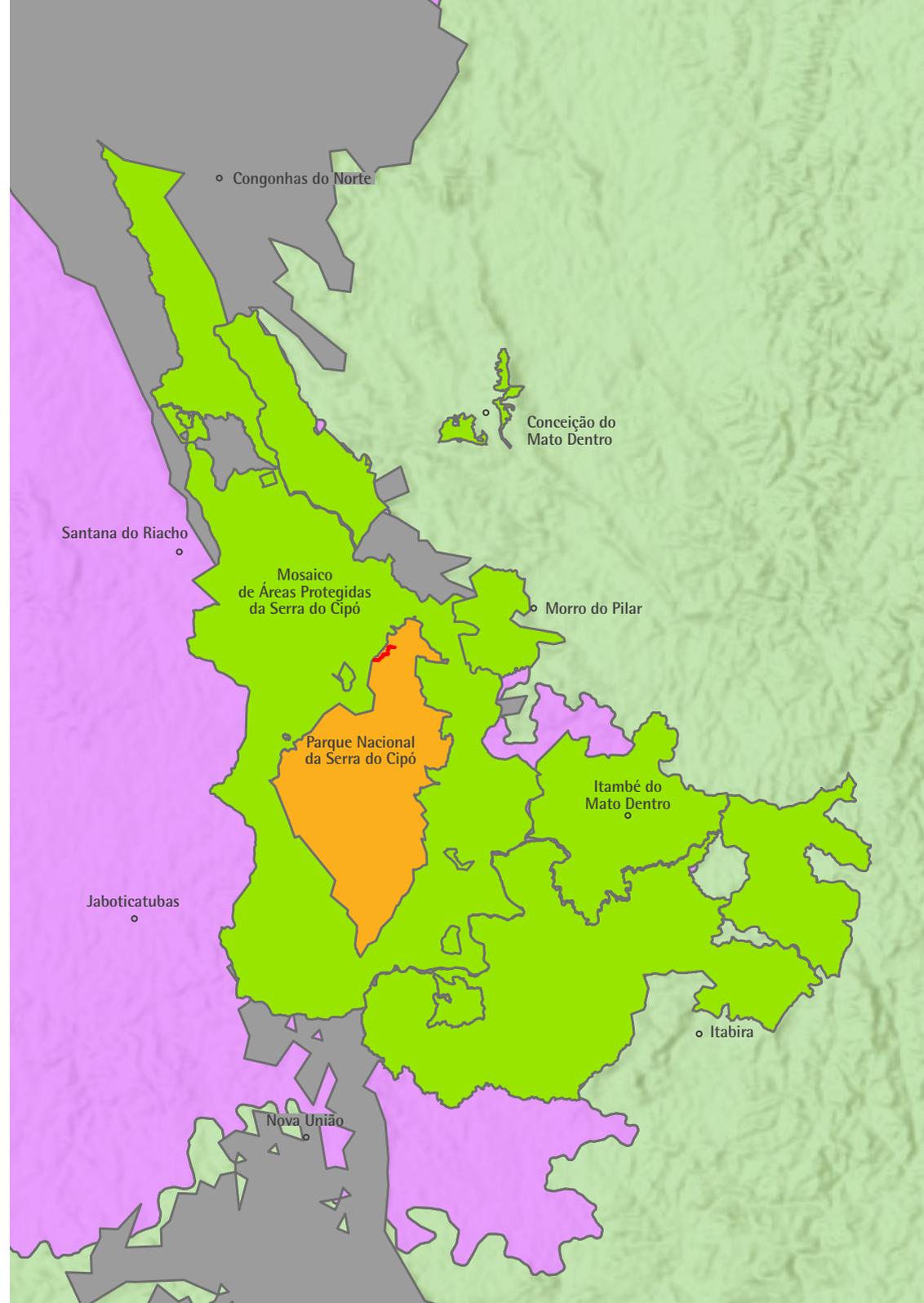
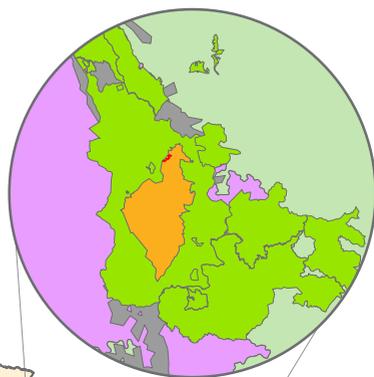
A criação do Parque Nacional da Serra do Cipó foi motivada pela importância da região na manutenção de ecossistemas e populações de organismos raros. Entre eles, a *Vellozia gigantea*, uma espécie micro-endêmica (exclusiva de poucos locais), encontrada somente em alguns topos de montanha. Essa planta é centenária: pode viver mais de 600 anos e atingir mais de 6 metros de altura, conferindo uma aparência e história peculiar. Mas ela está ameaçada de extinção e protegê-la é uma das missões do Parque Nacional da Serra do Cipó.

### Geologia

O nome Espinhaço foi cunhado pelo geólogo alemão Wilhelm Ludwig von Eschwege em 1833. Assim como todo o Brasil central, essa Cordilheira já foi fundo de mar, há centenas de milhões de anos atrás. Os atuais solos quartzíticos são formados por areia prensada pela pressão desse antigo oceano.

## Localização

-  Parque Nacional da Serra do Cipó
-  Mosaico de Áreas Protegidas da Serra do Cipó
-  Serra do Espinhaço
-  Bioma Cerrado
-  Bioma Mata Atlântica
-  Bioma Caatinga
-  Cidades e Municípios
-  Trilha Santuário das Vellozias





Araceae  
*Philodendron cipoense*

O Parque Nacional da Serra do Cipó é palco de importantes eventos históricos, não somente para a natureza, mas também para as comunidades humanas que viveram e vivem por ali. A alguns quilômetros do Santuário das Vellozias está o Grande Abrigo de Santana do Riacho, sítio arqueológico datado de 8.500 e 12.000 anos atrás, um dos maiores cemitérios pré-históricos das Américas. Dessa época até o período colonial, a região foi habitada por populações indígenas, que deixaram alguns objetos de cerâmica e pinturas rupestres ainda pouco conhecidos pela ciência.

As primeiras fazendas estabelecidas pelos descendentes de portugueses datam ainda do século XVIII, quando foi criado o município de Serra da Lapa, atualmente conhecido como Santana do Riacho. Pouco depois, a região passou a fazer parte da malha de transporte da Estrada Real, maior e mais importante rota do período colonial. Nessa época, a Fazenda

### Habitantes

A região da Serra do Cipó abriga curiosas histórias de alguns de seus habitantes. Juquinha e Dominginhos de Pedra, eremitas que viviam nas montanhas na Serra do Cipó e Itambé do Mato Dentro, foram imortalizados com estátuas para que outros habitantes da serra não os esqueçam.

Cipó, situada no antigo Córrego da Vacaria e atual Rio Cipó, fornecia carne para os tropeiros que iam e vinham ao longo deste trajeto que se estendia de Diamantina a Paraty, no Rio de Janeiro. Em 1809 foi criada a primeira usina siderúrgica do Brasil, em Morro do Pilar, pelo Intendente Câmara.

Toda a construção e manutenção da estrada, bem como a extração e transporte dos valiosos minerais, foi realizada por mão de obra escrava, que pouco ou quase nada usufruiu das riquezas geradas. Esses povos tinham origem da África subsaariana (ao sul do deserto do Saara) e trouxeram sua cultura Bantu para a região, que se misturou as influências indígenas e portuguesas. Ao longo de séculos, se formaram comunidades quilombolas afrodescendentes que até hoje mantêm sua tradição viva e em constante transformação, como expresso pelas Marujadas, Reisados e o Candombe da comunidade do Açude na Serra do Cipó.

Alguns expedicionários naturalistas do século XIX também passaram pela região, realizando coletas botânicas e zoológicas, como o botânico August Saint-Hilaire, no ano de 1817; o botânico Martius e o zoólogo Spix, em 1818; Johan Emanuel Pohl, em 1820; e o Barão von Langsdorff, em 1824. Do

ponto de vista da ciência moderna, esses foram os primeiros estudos sobre a biodiversidade da região. Nos anos de 1900, o botânico, geólogo e polígrafo mineiro, Álvaro Astolpho da Silveira, publicou dois volumes da obra *Floralia montium*, em 1928 e 1931, sobre a diversidade vegetal da Serra do Cipó.

Apesar da presença majoritária de homens no desenvolvimento do conhecimento biológico sobre a Serra do Cipó no passado, muitas descobertas realizadas por mulheres vêm ocorrendo desde então. Na segunda metade do século XX, destacam-se as pesquisadoras Nanuza Luiza de Menezes, botânica e uma das principais mentoras do Parque Nacional Cipó; e Ana Maria Giuletta Harley, botânica que realizou importantes estudos sobre a flora da região. Em homenagem à Nanuza, o Parque foi criado no dia do seu aniversário.

A partir do ano 2000 muitas outras pesquisadoras, como Cláudia Jacobi (*in memoriam*), Rosy Isaías, Tatiana Garabini Cornielissen e Patrícia Morelato, fizeram importantes descobertas na região. A presença feminina também é expressa na gestão do Parque, com as gestoras, Renata Apoloni e Romina Belloni, criadoras e entusiastas do projeto Santuário das Vellozias.

### Morro da Pedreira

Nos anos 80, a antiga mina de mármore no Morro da Pedreira seria reativada, o que levaria a destruição desse afloramento de calcário. Felizmente, escaladores, ativistas e ambientalistas realizaram um abraço a montanha em protesto contra o empreendimento o que contribuiu para a desativação definitiva da mina.



Planta carnívora  
*Drosera tentaculata*

Essa região é habitada por inúmeras espécies de plantas, fungos e animais. Um lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) costuma frequentar o Santuário das Vellozias e pode ser visto pela manhã ou no entardecer. Essa espécie encontra-se ameaçada de extinção devido à redução e degradação de seu habitat.

Dentre as aves que ocorrem ao longo do trajeto, muitas são endêmicas, raras ou ameaçadas, como o tapaculo-da-várzea (*Scytalopus iraiensis*), o canário-do-brejo (*Emberizoides ypiranganus*) e o tico-tico-do-banhado (*Donacospiza albifrons*), que habitam áreas brejosas. Já o tapaculo-serrano (*Scytalopus petrophilus*), o beija-flor-de-gravata-verde (*Augastes scutatus*) e o asa-de-sabre-do-espinhaço (*Campylopterus diamantinensis*) frequentam bordas de mata, afloramentos rochosos e áreas campestres.

### Adaptações

As plantas que vivem aqui evoluíram sob condições extremas. A estação seca prolongada, os solos pobres em nutrientes, a grande incidência de irradiação solar e as variações diárias de temperatura, exigem adaptações para a sobrevivência.

O papa-moscas-de-costas-cinzentas (*Polystictus superciliaris*), o papa-moscas-do-campo (*Culicivora caudacuta*) e o caminheiro-de-barriga-acanelada (*Anthus hellmayri*) habitam principalmente os campos nativos.

Das espécies de lagartos, destaca-se o lagartinho-de-crista-do-espinhaço (*Eurolophosaurus nanuzae*), endêmica da Cordilheira do Espinhaço, que se alimenta de insetos e passa parte do tempo se aquecendo ao sol em territórios específicos. As jararacas (*Bothrops neuwiedi*) também são répteis muito comuns na região.

Muitos anfíbios habitam esses locais, principalmente próximos aos riachos, como a *Bokermanohyla saxicola* e *Bokermanohyla alvarengai*, ambas endêmicas do Espinhaço. Esta última utiliza uma camuflagem cor de pedra para se esconder de predadores no ambiente rupestre. Dentro d'água, os girinos da perereca *Scinax machadoi* são muito parecidos com a barata d'água (*Limnocoris porphyrus*), pois evoluíram para adquirir um padrão de cor semelhante ao inseto evitando a predação.

Os riachos também são habitados por uma grande diversidade de libélulas (Odonatas), como aquelas do grupo Coenagrionidae, em que as fêmeas e os machos se distinguem pelo padrão de cor. Elas passam parte da vida na água como ninfas e, quando adultas, ganham asas e voam em busca de pequenos insetos, que capturam em pleno vôo. As libélulas são um dos insetos mais antigos do planeta e das dezenas de espécies que ocorrem nos campos rupestres, algumas delas se encontram em risco de extinção.

No que se refere à diversidade vegetal, a região também é riquíssima. As áreas campestres são habitadas por inúmeras espécies de gramíneas nativas, canelas-de-ema e outros grupos, como as eriocauláceas, família que abriga a sempre-viva-de-mil-flores (*Actinocephalus polyantus*) e o endêmico *Pepalanthus bromelioides*.

Algumas espécies de iridáceas, como a *Pseudotripezia truncata* e *Pseudotripezia juncifolia* também enfeitam a trilha com suas flores lilases e amarelas. Dentre as poucas espécies de árvores e arbustos presentes nesses campos está a candeia, como a *Eremanthus erythropappus*, que produz um óleo com propriedades anti-tumorais e vem sendo utilizada no tratamento contra o câncer.

### Serviços ecossistêmicos

A natureza provê as sociedades humanas com serviços ambientais ou serviços ecossistêmicos. Estima-se que os campos rupestres beneficiem dezenas de milhões de pessoas através de fornecimento de água, geração de energia, utilização de plantas medicinais, ecoturismo, pastagens nativas e acúmulo de carbono.

Os campos também abrigam plantas do gênero *Drosera*, que capturam insetos e absorvem seus nutrientes através das folhas vermelhas cobertas por uma substância grudenta. Outras plantas comuns no caminho são outras espécies de canela-de-ema (*Vellozia glabra*), o andrequicé (*Aulonemia effusa*) e *Chamaecrista venulosa*, todas raras, com distribuição restrita nos altos de montanha da Cadeia do Espinhaço.

Os **capões de mata**, como na **Mata das Bromélias**, apresentam espécies típicas como a Samambaiçu-vermelho (*Cyathea delgadii*), que faz parte de um grupo que existe desde a era dos dinossauros; e a **Juçara** (*Euterpe edulis*), ameaçada de extinção.

Ao longo dos riachos crescem os manduruvás (*Calliandra brevipes*), que produzem flores brancas e rosadas durante a primavera e verão. Ou a *Utricularia neottioides*, que possuem um sistema de válvulas que capturam pequenos invertebrados aquáticos para se alimentarem.

Nos **afloramentos rochosos**, muitas **aráceas** crescem sobre as rochas, como as do gênero *Philodendron*, e também as samambaias e bromélias. Numa pequena área de afloramento rochoso ao final da trilha, se encontra uma das principais populações de *Vellozia gigantea*.

A **Canela-de-ema-gigante** ou *Vellozia gigantea* cresce lentamente, cerca de 1cm por ano, e demora cerca de 600 anos para atingir seu enorme porte de 6 metros de altura. A espécie possui um falso tronco formado por bases de folhas mortas, que conferem proteção para as raízes contra o fogo e o ressecamento e ajudam a planta a absorver água e nutrientes.

A *Vellozia gigantea* também abriga uma grande diversidade de plantas, animais e fungos que crescem sobre ela. Entre elas, as orquídeas *Cattleya wittigiana* e a *Constantia cipoensis*, ambas exclusivas de alguns poucos topos de montanhas de Minas Gerais, sendo a última criticamente ameaçada de extinção. Além disso, substâncias produzidas pelos fungos microscópicos que crescem dentro dos tecidos da *Vellozia gigantea* estão sendo utilizadas no tratamento de malária.



Canela-de-ema-gigante e orquídea  
*Vellozia gigantea* e *Cattleya wittigiana*



Eriocaulaceae  
*Paepalanthus bromelioides*

Por se encontrar em uma região de transição entre biomas e ecossistemas, a trilha para o **Santuário das Vellozias** passa por um mosaico de tipos de ambientes: formações campestres, capões de mata, riachos e afloramentos rochosos. Neste ponto, você está na vertente leste, na bacia do Rio Doce, muito próximo à cumeeira da cordilheira. Nesse local, ventos atlânticos trazem a umidade produzida pelas florestas, cobrindo a paisagem com uma neblina ou brumas, principalmente na estação chuvosa.

Os trechos **Campo Estrelado** e **Mirante das Brumas** são cobertos por ambientes campestres, dominados por gramas e capins nativos com alguns arbustos espaçados. Essas áreas possuem solos arenosos ou de cascalho de origem quartzítica. A **Mata das Bromélias**, como outros capões de mata da região, são ilhas de florestas com influência da Mata Atlântica, onde os solos são mais férteis e cobertos por um espesso folhiço.

### Mudanças climáticas

As emissões de gases de efeito estufa produzidos por queima de combustíveis fósseis, queimadas e desmatamento, estão levando a mudança do clima em escala global. Tais mudanças afetam a biodiversidade, principalmente mais organismos que vivem em montanhas.

Nesse ambiente, as árvores altas dão suporte a inúmeros outros organismos que crescem sobre seus troncos.

Ao longo do trajeto, você poderá ver vários riachos que nascem próximos dali, como o **Córrego do Indaiá**. Esses córregos se encontram na sub-bacia do Rio Santo Antônio, que por sua vez é parte da bacia do Rio Doce. O tom alaranjado da água se deve a presença de compostos húmicos que são produzidos pela decomposição da vegetação, o que não compromete em nada a qualidade da água, que é extremamente pura.

Os solos das áreas brejosas próximas à esses riachos são compostos por terra preta com textura macia e esponjosa, e têm um cheiro peculiar. São as turfas ou turfeiras, que são constituídas por matéria orgânica depositada ao longo de milhares de anos. Além de abrigarem uma flora típica, as turfeiras são importantes reservatórios de carbono. A destruição desse ambiente pelas queimadas, drenagem e conversão em pastagem e eucaliptais pode liberar esse estoque, acelerando as mudanças climáticas. Por sorte, essas turfeiras estão protegidas pelo parque e não se encontram em risco.

O último ponto da trilha é chamado **Vellozia gigantea**, onde se encontra a principal protagonista dessa história, a Canela-de-ema-gigante. Esse trecho representa o ambiente típico de campos rupestres. Aqui, pode-se observar grandes blocos de quartzito quase completamente cobertos por líquens, fungos e plantas, entremeados com solos arenosos e de cascalho onde crescem arbustos e gramas nativas. As locas de pedras são lar de alguns animais típicos, como lagartos, cobras e roedores.

### Incêndios

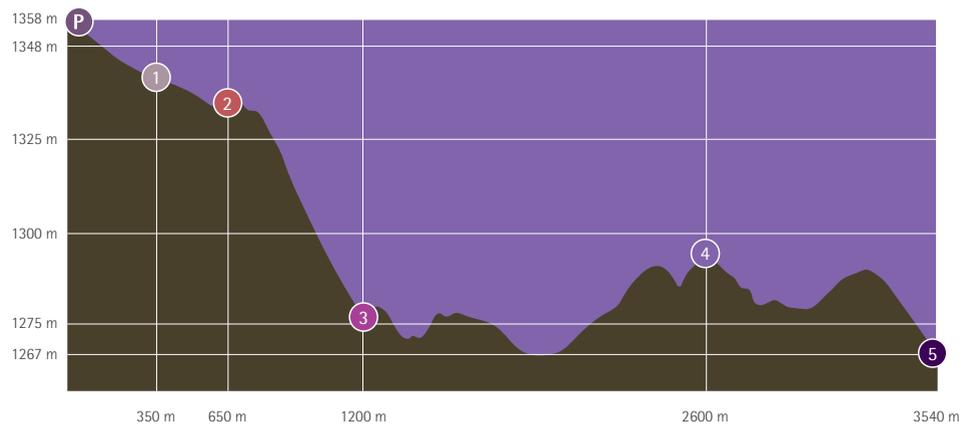
As queimadas são uma das maiores ameaças à biodiversidade dos campos rupestres. Apesar desse ambiente ser adaptado aos regimes de fogo natural, os mega-incêndios atuais são altamente destrutivos, mesmo para espécies consideradas adaptadas.

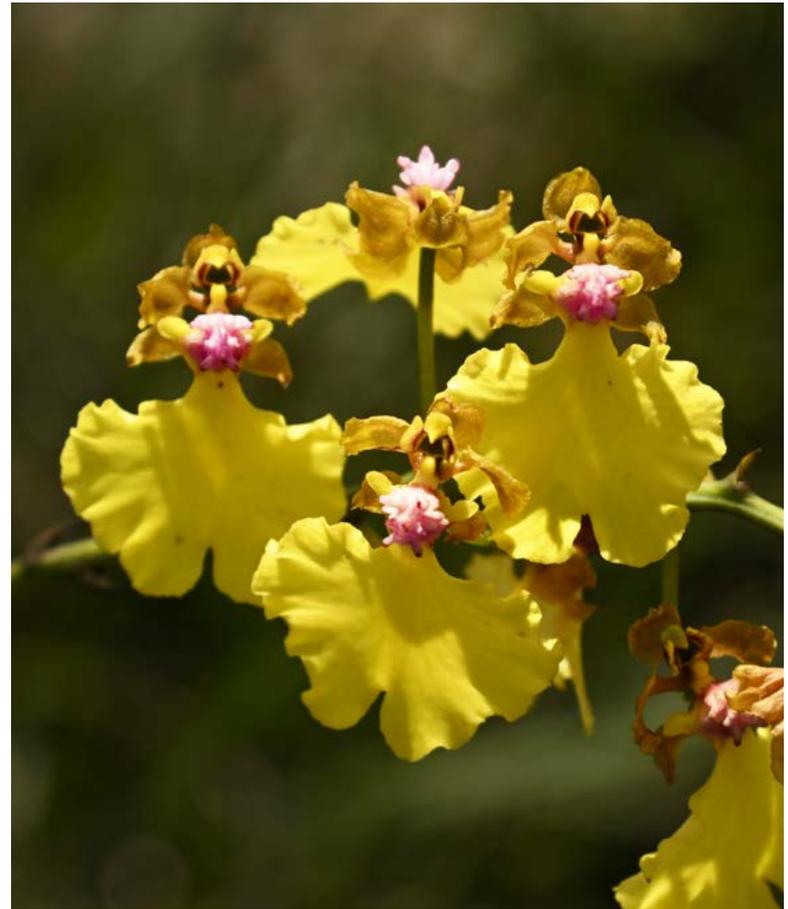
## Trilha Interpretativa Santuário das Vellozias

- P** Portaria Alto do Palácio  
Ponto de partida
- 1** Campo Estrelado  
Ponto 1
- 2** Mata das Bromélias  
Ponto 2
- 3** Córrego do Indaiá  
Ponto 3
- 4** Mirante das Brumas  
Ponto 4
- 5** *Vellozia gigantea*  
Ponto 5

Distância: 3.54km

Altitude: 1358m – 1267m





*Rhynchospora speciosa* (esq.)  
*Gomesa maculosa* (acima)  
*Chrysocyon brachyurus* (dir.)



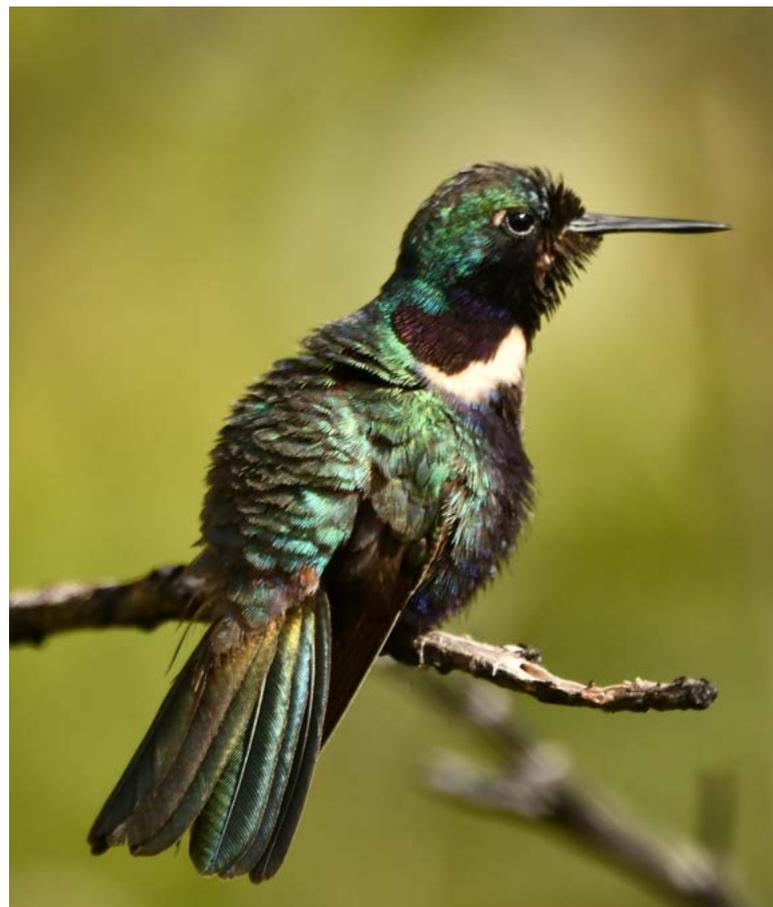
# (CAMPO ESTRELADO



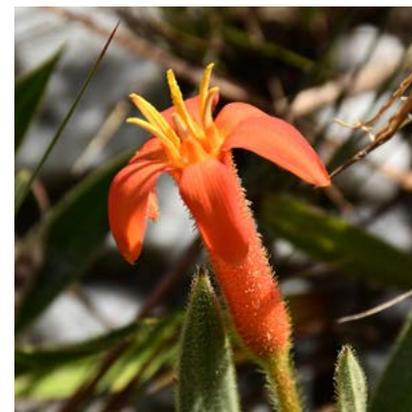
# MATA DAS BROMÉLIAS

Mata das Bromélias (acima)  
*Billbergia vittata* (esq.)  
*Trogon surrucura* (dir.)





Córrego do Indaiá (esq.)  
*Augastes scutatus* (acima)  
*Barbacenia tomentosa* (dir.)



# CÓRREGO DO INDAIÁ



Mirante das Brumas (esq.)  
*Paepalanthus erectifolius* (acima)  
*Pseudotrimezia juncifolia* (dir.)



# MIRANTE DAS BRUMAS



Santuário das Vellozias (esq.)  
*Psychosaura* sp. (acima)  
*Knipolegus nigerrimus* (dir.)



# VELLOZIA GIGANTEA



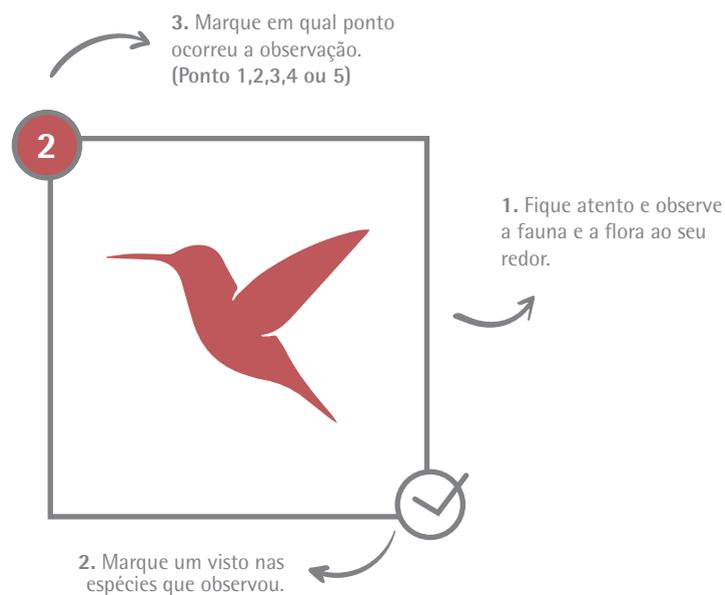
Canela-de-ema-gigante  
*Vellozia gigantea*





Canela-de-ema-gigante  
*Vellozia gigantea*

Nas páginas a seguir estão algumas plantas e animais que podem ser percebidos ao longo do trajeto. Siga as instruções abaixo e observe com sensibilidade essa exuberante biodiversidade.



# OBSERVE



Chupim-do-brejo  
*Pseudoleistes guirahuro*



Papa-moscas-do-campo  
*Culicivora caudacuta*



Tico-tico-do-banhado  
*Donacospiza albifrons*



Canário-do-brejo  
*Emberizoides ypiranganus*



Camineiro-de-barriga-acanelada  
*Anthus helminyi*



Maria-preta-de-garganta-vermelha  
*Kriopolegus nigerimus*



Tapaculo-serrano  
*Scytalopus petrophilus*



Beija-flor-de-gravata-verde  
*Augastes scutatus*



Papa-moscas-de-costas-cinzenta  
*Polystictus superciliosus*



Macaquinho-da-várzea  
*Scytalopus iraniensis*



Lobo-guará  
*Chrysoeyon brachyurus*



Libélula  
Coenagrionidae



Surucua-variado  
*Trogon surrucura*



Bico-de-veludo  
*Schistochlamys ruficapillus*



Asa-de-sabre-do-espinhaço  
*Campylopterus diamanthinensis*



Lagarto  
*Tropidurus* sp.



Lagartinho-de-crista-do-espinhaço  
*Eurolophosaurus nanuzae*



Perereca-das-pedras  
*Bokermannohyla alvarengai*



Perereca-do-espinhaço  
*Bokermannohyla saxicola*



Lagarto  
*Psychosaura* sp.



**Andrequissé**  
*Aulonemia effusa*



**Cacto**  
*Cipoceerus pleurocarpus*



**Sempre-viva**  
*Actinocephalus polyanthus*



**Jugara**  
*Euterpe edulis*



**Canela-de-cima-gigante**  
*Vellozia gigantea*



**Iris**  
*Pseudotrimazia truncata*



**Bromélia**  
*Billbergia vittata*



**Orquídea**  
*Cyrtopodium parviflorum*



**Candéia**  
*Eremanthus erythropappus*



**Bromélia**  
*Neoregelia bahiana*



**Chuveirinho**  
*Paepalanthus erectifolius*



**Liquens**



**Orquídea**  
*Cattleya wittigiana*



**Velloziaceae**  
*Barbacenia tomentosa*



**Cravo-do-mato**  
*Tillandsia geminiflora*



**Sempre-viva**  
*Paepalanthus bromelioides*



**Melastomataceae**  
*Lavoisiera sampaiouana*



**Capim-estrela**  
*Rhynchospora speciosa*



**Planta carnívora**  
*Drosera tentaculata*



**Iris**  
*Pseudotrimazia junceifolia*



Lagartinho-de-crista-do-espinhaço  
*Eurolophosaurus nanuzae*



#### PLANEJE SEU PASSEIO

Informe-se sobre as condições climáticas do local e tempo de caminhada, evitando começar o trajeto muito tarde.



#### CUIDADO CONSIGO

O trajeto possui terreno irregular e é habitado por animais peçonhentos, portanto fique atento. Escolha as atividades conforme o seu condicionamento físico, saúde e experiência.



#### CUIDADO COM O AMBIENTE

Mantenha-se nas trilhas pré-determinadas e não utilize atalhos, pois favorecem a erosão do solo e a degradação da vegetação.



#### INCÊNDIO

Não faça fogueiras e em caso de incêndio, favor entrar em contato imediatamente com o telefones de emergência.



#### LIXO

Leve todo seu lixo consigo, inclusive orgânico. Não deixe nada na trilha a não ser boas energias.



#### CUIDADO COM O PRÓXIMO

Respeite a população local, condutores, guardas parques e gestores. Tente aprender com eles mais sobre o local.



#### RESPEITE A NATUREZA

Observe os animais à distância e tente não interferir no seu comportamento. Não colete plantas, frutos e flores. Evite fazer barulho, não leve caixa de som.

## O QUE LEVAR?

-  **1** **ÁGUA** mineral
-  **2** **LANCHE** saudável
-  **3** **CELULAR** com GPS
-  **4** **MOCHILA** de ataque
-  **5** **PROTETOR** solar
-  **6** **CALÇADO** confortável
-  **7** **CHAPÉU** ou boné
-  **8** **CADERNO** anotações



### TELEFONES ÚTEIS

BOMBEIROS **193**

POLÍCIA MILITAR **190**

PARQUE NACIONAL DA SERRA DO CIPÓ  
**+55 21 97896-3455**

## SAIBA MAIS

Giulietti, A. M., Menezes, N. L., Pirani, J. R., Meguro, M. & Wanderley, M. D. G. L. (1987). Flora da Serra do Cipó, Minas Gerais: caracterização e lista das espécies. Boletim de Botânica da Universidade de São Paulo, (9),1-151.

Goulart, E. M. A. (2009). O caminho dos currais do rio das Velhas: a Estrada Real do Sertão. Coopmed Editora Médica, Belo Horizonte. 213 pp.

Goulart, E. M. A. (2001). Nos ermos e nas brumas da Serra do Espinhaço. Coopmed Editora Médica, Belo Horizonte. 97 pp.

Lacerda, S. (2022). Serra do Cipó-Origens. Editora SLED, Belo Horizonte. 220 pp.

Leite, S. C. A., Leite, M. L. M., Lyra, M. F. B., Mendes, J. F., Goulart, M. F. & Azevedo, A. A. (2024). A Serra, o Sertão e a Natureza Daqui: Guia para professores e para curiosos em geral, com informações sobre a região da Serra do Espinhaço, Minas Gerais. Diamantina. 61 pp.  
Disponível no endereço: <https://heyzine.com/flip-book/9a77fddff7.html>

Kot, L., Goulart, F. F., Franco, E., Vasconcelos, M. F. & Rodrigues, M. (2021). Aves da Serra do Cipó - Birds of Serra do Cipó.1. ed. Jandaia - Histórias Tropicais, Belo Horizonte. 264 pp.

Otoni, C. (2008). Serra do Cipó: sempre viva. Gráfica Editora Tavares, Pedro Leopoldo. 328 pp.

Ribeiro, M. C. & Figueira, J. E. C. (2011). Uma abordagem histórica do fogo no Parque Nacional da Serra do Cipó, Minas Gerais-Brasil. Biodiversidade Brasileira, 1(2), 212-227.

Ribeiro, L., Ribeiro, K., Madeira, J. & De Filippo, D. (2007). Floração em massa de Vellozia gigantea (Velloziaceae) após a ocorrência do fogo nos campos rupestres de Serra do Cipó, MG. Em: Anais do VIII Congresso de Ecologia do Brasil. Caxambu, MG.

## Realização



## Organizações Parceiras



JANDAIA



## Apoio

